



REPÚBLICA FEDERAL DO BRASIL
GOVERNO ESTADUAL DO PARANÁ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ



DISCIPLINA: Tópicos Especiais em Saberes e Linguagens V: Tradição Oral e Cultura Africana

O DOCENTE ESTRANGEIRO: Gildo Adriano. giljomaradriano@hotmail.com
+244 925 900 725

UNIDADE I: A tradição Oral entre os Povos Bantu do Sudoeste de Angola

1.1– Situação Geográfica de Angola

1.2 - Os Povos Bantu de Angola: Cultura Imaterial, Crenças e Rituais de Culto.

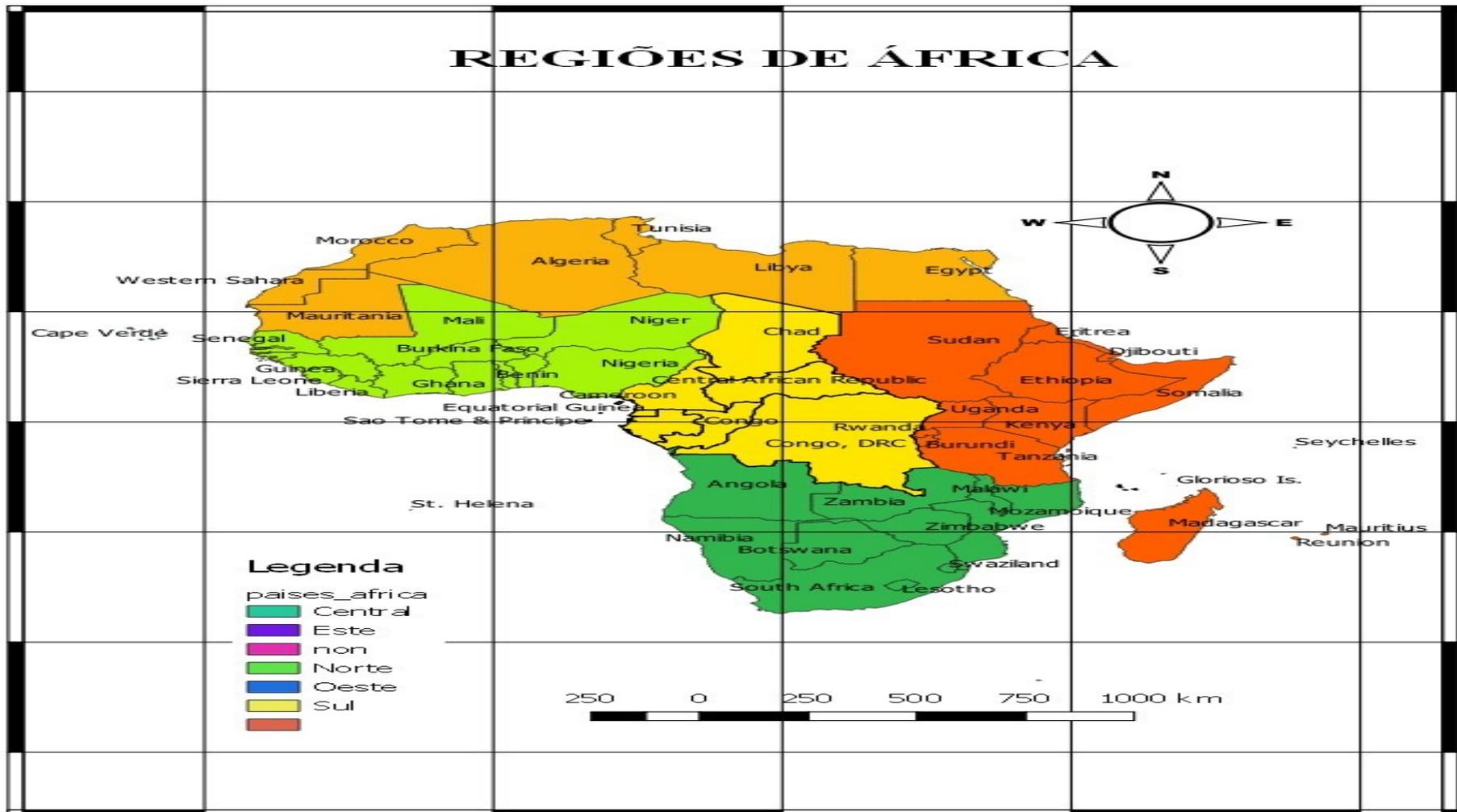
1.2.1 - Grupos étnicos do Sudoeste de Angola

1.3. - Mapa Político-Administrativo e Mapa Etnográfico: Contrastes

1.3.1 Especificidades do Grupo Herero e sua Diversidade

- Aspectos Culturais da Ancestralidade
- Objectos Sagrados e Crenças Ancestrais
- Videos tradições culturais do Sul

1.1 – Situação Geográfica de Angola?



-
- O tipo de economia, no geral era a agropastoril, o comércio, a pesca e a caça. Em quase todos observava-se o respeito às práticas e culturas fortemente manifestadas nos rituais de passagem: nascimento, adolescência, casamento e morte em que a ancestralidade ocupa o centro entre vivos e o ser supremo. O Bantu de Angola na sede de suas incognitas, preocupa-se em dar respostas na crenças de que toda a natureza é criação de um Ser Suprema: Zambi, Kalunga, Ngana, Ñgala, Nyambe, etc. tais desincações refletem a energia cósmica criadora e geradora do Universo.

1.2.1 - Grupos étnicos do Sudoeste de Angola

Maria, 2015, p. 48 adaptação de Adriano, 2023

Grupos	Ovangangela	Ovanyaneka-Humbi	Ovambo	Ovimbundu	Ovahелеlo
Subgrupos	Valuimbi, vangangela, vanyemba, vamachi, vayauma e valunyo	Ovamuila, ovangambwe, ovankhumbi, ovandongwena, Ovahanda Vatecipungu, ovatecilengue -muso	Ovavale, ovakafima, ovakwanyama, ovakwamatwi, ovatebondola	vambalundu, vandombe, vauambo, vaviye, vakakonda, vangalangi, etc	Ovandimba, ovahimba, ovakuvale, etc
Províncias actuais	Moxico, Norte do Kuando-Kubango, parte do Bié e parte da Huíla	Huíla e parte do Cunene	Cunene e, parte norte do País da Namíbia	Huambo, Benguela, Bié, parte o Kuanza-sul, parte da Huíla e norte do Namibe	Moçâmedes, sudoeste da Huíla e parte da Namíbia
Língua falada	Otecingangela	Olunyaneka	Otciwambo ou Otcikwanyama	Umbundu	Otcihелеlo

1.3. - Mapa Político-Administrativo e Mapa Etnográfico: Contrastes



1.3.1 Especificidades do Grupo Herero e sua Diversidade

Aspectos Culturais da Ancestralidade

Objectos Sagrados e Crenças Ancestrais

Videos Tradições Culturais do Sul

-
- Vale destacar que a região sul de Angola ainda carece de um estudo aprofundado dos seus saberes e fazeres, pois os estudos feitos até então, referem-se mais aos povos do norte e centro de Angola e, por esta razão, a nossa primazia sobre o grupo Helelo ou Herero, reentrando nos estudos de Lúcio, Alfredo Capitango e Sabba, Claudia Georgia (2015): AS ATIVIDADES CULTURAIS E A SALA DE AULA NO GRUPO ÉTNICO HERERO/HELELO DO SUL DE ANGOLA (SUBGRUPO MUCUBAL E MUHIMBA).

Especificidades do Grupo Herero e sua Diversidade

- O Povo Helelo, Localiza-se em parte na Província Namibe, litoral Sul de Angola, limitada a Norte pela província de Benguela, a Leste pela província da Huíla, ao Oeste pelo oceano Atlântico, a sul pelo rio Cunene e pela República da Namíbia.
- Tem uma área aproximada de 57.091 km² e uma fronteira marítima atlântica de cerca de 480 km. Estende-se entre os paralelos 13° 30' e 17° 15' de latitude sul, meridiano 11° 45' e 13° 30' de longitude Este (Greenwich) (Lúcio, C. A., & Sabba, C. G. 2015, p. 278)

Província do Namibe – centro do grupo Helelo



Aspectos Culturais da Ancestralidade

- A etnia Herero subdivide-se em vários grupos com características que evidenciam uma raiz étnica comum. A título indicativo, tem-se os **Kuvalés ou Mucubais, os Himbas ou Muhimbas, os Namas, os Zembas, os Kwandus, os Tjavikwas, os Mbanderos, os Hacahonas**, etc. São povos nômadas, vivem da criação do gado e que se deslocam pela Namíbia, região de Ovambolândia (nordeste da Namíbia) e pelo Sul de Angola, procurando as melhores condições de pasto para o seu gado (Estermann, 1961 apud Lúcio & Sabba, 2015, p. 280).
- Neste apresentação e dado o tamanho deste grupo étnico, o foco se cinge sobre os sub-grupos: **Mucubal ou Kuvale e o Himba ou Muhimbas** que habitam o deserto do Namibe, sul de Angola, província do Namibe.

O SUBGRUPO MUCUBAL OU KUVALE E SUAS TRADIÇÕES.

- São de origem Bantu, vivem da atividade do pastoreio. acreditam em um ser supremo – Deus - tradicionalmente chamam-no de Kalunga ou Djyambi (Lúcio, C. A., & Sabba, C. G. 2015, p. 280).
- o povo Mucubal, preserva até hoje a sua identidade africana, pois eles ainda são portadores de cultura, da arte e do espírito Africano. localizado no deserto do Namibe e nas extremidades da Serra da Leba (Kapangombe). Quanto ao vestuário, preservam sua cultura, apresentando-se semi-nús, cobrindo-se apenas de pele e panos típicos desenhados, não dispensando a catana, a lança e os purrinhos.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=Imagens+casa+mucubal+e+himbas>

-
- A primeira casa, é a principal (Odjuhoyomahalo), onde vive o ancião- patriarca. Em toda aldeia do Kuvale, há sempre um curral no meio, vigiado por um fogo sagrado chamado Okuruwo, utilizado pelos mestres para contactar os ancestrais (do mesmo modo que os Himbas).
 - A herança é matrilinear: os sobrinhos filhos da irmã de sangue. É uma tribo semi-social e nômade, apesar da poligamia ser usual, não é permitido o adultério, infração punível com o pagamento de três cabeças de bois ou mais.

O Mucubal ou Kuvale mora em um kimbo (aldeia), e neste pode-se encontrar várias cubatas ou casas dispostas no interior de um círculo formando uma roda. (Lúcio, C. A., & Sabba, C. G. 2015, p. 282).

- As cerimónias fúnebres são feitas com transporte do cadáver em uma pele de boi. Depois do enterro é colocado na “cruz” mais de cinco chifres de bois, isto simbolizará riqueza da pessoa ali enterrada.
- Os rituais de passagem são entre este grupo respeitados e observados com um certo cuidado. Neste contexto, a menina (Ochhitunda), a partir dos 13 anos de idade, terá a obrigação de fazer uma festa de puberdade, o efico, com equivalência a uma cabeça de boi antes de se casar. Como nas outras Tribos Africanas, a do Mucubal também pratica como tradição a circuncisão- o Ekwenje- dos jovens. Ela simboliza a festa de iniciação, a fase de mancebos (Lúcio, C. A., & Sabba, C. G. 2015, p. 282)

- As mulheres Mucubais, incluindo solteiras, andam nuas da cintura para cima, seios nus, apenas tapadas por colares e pulseiras untados com estercó de boi, e um pano amarrado a cintura a fazer de saia (ibidem, 2015, p. 282).



Segundo Lúcio e Sabba (2015, pp. 283-285) as casadas e mães, amarram os seios com tiras finas de couro até os espalmar. Quem apresenta as peças em todos braços e pernas, representa toda família.

-
- As missangas (Omacualaly ophofhingo) de diferentes cores fazem parte da beleza, caso for de uma única cor, representa o poder espiritual. A missanga de forma diagonal (Ompahu), é para adolescentes e é beleza. A cobertura na cabeça das mulheres (Omphota) é muito mais específica para as mulheres em tempo de puberdade ou já fizeram o efico, significa que o pai ainda vive, caso contrário, deve tirar e usar Omuchata, outro chapéu que representa que é órfão de pai.

- É um chapéu feito de paus bem lisos e amarrados com uma fita e por trás coloca-se um rabo de boi e pele para criar peso de tal maneira que tenha equilíbrio na cabeça e não cair, esta pele de rabo de boi chama-se **Omahindyacuti**.
- O Mucubal, de modo geral, serra os dentes da arcada de cima e arranca 4 dentes da inferior, este sinal serve de identificação com relação a outros povos – como se fosse um documento—quem não o fizer, é discriminado e não participará de muitos dos rituais do grupo.



Outra identificação em ambos sexos, é o uso de um osso no pescoço como colar, o chamado **Etchipa Lhopofhingo**, sinal de beleza. Os **Etoqui**- estilos de cortes de cabelo, variam de acordo com as faixas etárias. O Uso de pulseiras(**Omaluhuly**) para os homens, no braço, representa nobreza. Saliente-se que o corte é só para os jovens, depois de casar já não pode cortá-lo - **Omunahumbo** não corta mais o cabelo.

- A família do pai é responsável pela orientação e cuidado da educação dos filhos. O gado tem valor social de prestígio que não sabe zelar e fazer reproduzir é-lhe negada qualquer responsabilidade. O Mucubal tem como instrumentos de defesa a catana, o cassete (**Omohole**), o purrinho e a faca. Eles não são caçadores genuínos, e sim criadores de gado, caçar para o Mucubal é sinônimo de pobreza.

O subgrupo Muhimba (os Himba) e suas tradições.

- Pelos relatos históricos, os Muhimbas são um dos últimos povos semi-nômades da África, emigrando para Angola em busca de solos mais férteis. Himbas vivem próximos ao Rio Kunene, que divide Namíbia e Angola, e circulam livremente entre os dois países. Para os Himbas não existe fronteiras, por isso que eles circulam livremente os dois países.
- Em Angola, predominam mais a região do Yona, uma povoação pertencente ao Município do Tombwa, Província do Namibe. É um povo conhecido pela beleza e vaidade das mulheres.



"Gostamos do que somos, nos sentimos bem, quando esfregamos este pó no nosso corpo, nos sentimos limpas e perfumadas".
traços que dignificam de forma viva esta cultura. Um exemplo é o cordão no pescoço (Obongola) da jovem mundimba

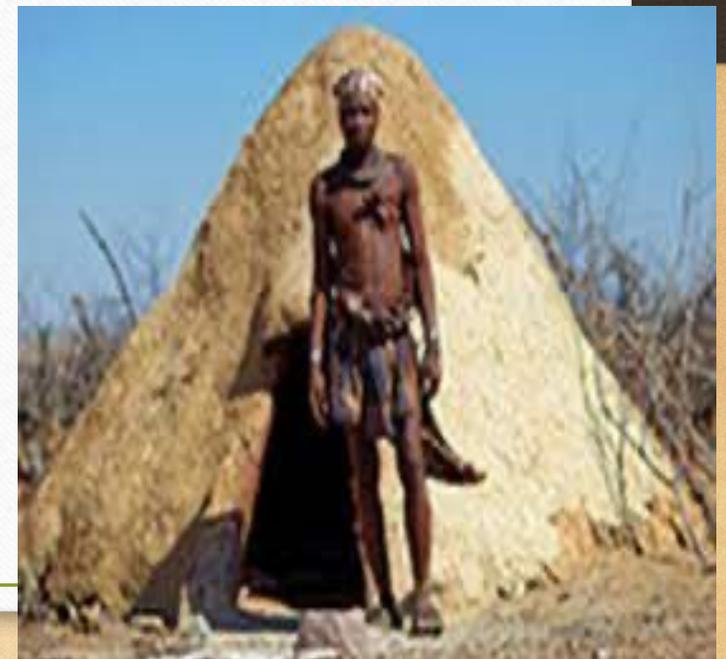
-
- A tribo Herero saiu da Etiópia, com rebanhos e atravessou a África até à Namíbia. Os Muhimbas ou Ovahimba, que vivem no Sul de Angola, são descendentes dos Hereros, e mantiveram as tradições centenárias quase intactas. Uma das tradições mais antigas do grupo é a de não tomar banho, entretanto, passam três horas nos rituais de beleza. Usam mistura de banha animal e ocre como loção hidratante e protector solar da pele, utilizando o produto inclusive nos cabelos (Lúcio, 2015).

- os homens em idade de matrimônio apresentam características especiais na aparência. O jovem com o corte de cabelo (Ontombi), ainda é adolescente (Omuwantu), sem idade de casar. Cada pessoa tem suas indumentárias, que fazem parte da arte/cultura deste povo, é o caso da capa ou objeto branco no pescoço da jovem (Ohumba) e tantas outras peças que se identificam com eles. Também usam a pulseira no braço, o chapéu (tanto senhoras como homens), estas peças só são retiradas quando morre um membro de família e é entregue a família do pai (Ibidem, 2015, pp. 284-285)

- Numa entrevista os autores relatam com pormenores que com orgulho da beleza, elas não têm problemas em dividir os maridos. Na sociedade Himba, os homens podem ter várias esposas desde que as consiga sustentar. Desse modo, quanto mais cabeças de gado, mais mulheres ele pode ter (Lúcio e Sabba (2015, pp. 286-287)



- À semelhança dos Mucubais, a criação de gado bovino é o principal símbolo de status de uma família Himba, e o roubo é o único crime punido com a morte.
- A carne é reservada apenas para eventos especiais, como casamentos e funerais. Quando um Himba morre, mata-se uma parte de seu gado e as cabeças são empilhadas ao lado da sepultura, para proteger o espírito de quem morreu.
- O trabalho de homens está ligado ao pasto, comprar comida, procurar áreas de pasto, ao passo que das mulheres consiste em ordenhar as vacas e cabras, controlar os cabritos, bois e fazer um pequeno cultivo. É um povo nômade, tendo em conta a escassez do capim e água para o gado.



-
- Tanto os Mucubais como os Himbas, partilham o mesmo estilo de construção de casas. Começam arranjando um terreno favorável para o feitor, em uma região também favorável as condições de vida para o gado, isto é, com água e vegetação fartos
 - A construção de pau-a-pic é feita com maior consistência de modos a resistir as grandes tempestades desérticas. A cobertura é feita de capim, após juntar vários paus, é reforçada com barro e fezes de bois para não possibilitar a entrada das águas das chuvas. A dimensão da casa é construída tendo em conta o número de famílias.

Crenças Ancestrais e Objectos Sagrados

- Segundo Carlos Estermann (1961), na sua Obra Etnografia do Sudoeste de Angola, vol. 3, referindo-se ao grupo dos Ovahelero considerar haver entre estes um vestígio do monoteísmo, cuja a figura suprema se revela ser o “Ndyambi- karunga e numa crença da imortalidade, porquanto, em suas rezas pode-se notar a expressão «*Hitu; Mbatakamisiva i Ndyambi-Karunga!*» que traduzindo significa: «Não morro, porque Ndyambi-Karunga está a segurar-me!» (Estermann, 1961, p. 195).
- Numa reflexão exaustiva Estermann (1960, p.196) apresenta uma característica comum e aparentada de três terminologias que considera ser o património comum do grupo bantu do sudoeste de Angola, com que se caracteriza o Supremo ou para designar o criador, o Senhor da terra e do céu : Ndyambi, Kalunga e Suku, que não pode significar outra coisa senão “Ser Inteligente, Benfazejos”.

Culto de Espíritos e Práticas Mágicas

- A religião dos ovahellelo traduz-se nos actos de cultos aos espíritos dos antepassados, como causa do efeito buscado, isto é, o oráculo. Se reconhece o poder preternatural de tais entes e pelo facto mesmo se lhe prestar a devida homenagem, exteriorizada em diversos actos rituais- a que Estermann (1961) designa de Ancestrolatria, prática igualmente seguida pelos outros grupos do sul de Angola: Ovambo, Ovimbundu, Ovanyaneka e Ovanganguela.
- Ancestrolatria identificado pelo termo de «**odo-hande**» entre os Dimbas, ou ainda **Ono-sande** entre os Nyaneka, **olosande** entre os ovimbundu, cujo sentido religioso aponta para uma “alma desencarnada,” alma benfeitora, que se difere do “**Otyi-lulu**”, designando alma malfeitora, feiticeira (Ibidem, 1961)
- O lugar privilegiado destinado ao culto sagrado da ancestralidade ao Dyambi- kalunga, com um carácter de sacralidade intensa, o altar sagrado é no “Eumbo”, recinto de aldeamento, centro de actos culturais, cujo “Otyoto”(Nyaneka) ou Elao (Dimbas- boa sorte) se configura no altar sagrado, onde se realizam os sacrifícios públicos, se celebram as grandes festas e cerimónias

Videos Tradições Culturais do Sul

- O Otyoto é, por excelência, o lugar onde se reúnem os membros da família para tratarem de assuntos culturais, económicos, sociais e políticos em volta do fogo sagrado (Esterman, 1961, pp.197-198). Aliás, fogo sagrado constitui a raiz de todos os actos culturais que representa o antepassado longínquo da linhagem familiar comum – Okuyakisa Omulilo – Rekindle the holy fire – reacender o fogo sagrado. Por isso, por tradição é obrigatório acender e consagrar o fogo novo em cada lar novo, acto reservado ao dono do lar, autoridade espiritual e moral da casa.
- Quem desempenha o papel de sacerdote ([Bing Vídeos](#)) é, em geral um ancião, proprietário da Onganda, Heumbo, Etambo, membro do clã paterno e chefe prestigioso, de uma investidura espiritual e encargos profanos inerentes (Esterman, 1961, pp. 199-202).

Breviário de Referências Bibliográficas

- Alberto, Eduardo Peres (2014). Angola: Povos e Cultura. In Colóquio Sobre Identidade Vultural, Identidade Nacional. Ministério da Cultura. Edições Angola Lda
- Coelho, Virgílio (2015) , «**A classificação etnográfica dos povos de Angola (1.^a parte)**», Revista *Mulemba*, 5 (9) | 2015, 203-220.
- EDWARDS, Adrian C.(1962). The Ovimbundu under two sovereignties. London: IAIUP; in MALUMBU, Os Ovimbundu..., op. cit.;
- ESTERMANN, Carlos (1961). Etnografia do Sudoeste de Angola. O grupo Etnico Herero. Vol. 3. Memórias da Junta de Investigação do Ultramar. N° 30- Lisboa
- Maria, Pedro de Castro (2015). Minorias Étnicas em Angola: o Caso dos San. Edicções JZM, Lda. 1^a edição, Luanda
- NETO, Maria Conceição. In town and out..., op. cit., p. 187

Breviário de Referências Bibliográficas

- Ntondo, Fernandes, (2002). Mapa etnolinguístico de Angola disponível em [www.http://:mapa etnografico de angola.com](http://www.mapa-etnografico-de-angola.com) acessado aos 5 de Novembro de 2023, 00h12 minutos
- REDINHA, José. Etnias e Culturas de Angola. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola, 1974. 82 Cristianismo e distinção: uma análise comparativa da recepção da presença missionária entre os “Ovimbundu” e os “Kwanhama” de Angola. In: 26a Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008. Disponível em: [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2024/irace ma%20dulley.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2024/irace%20ma%20dulley.pdf). Acessado em: 10/01/2014;
- WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René. (2009). História de Angola. Lisboa: Tinta da China, 2009, p. 34, aspas do autor. 81